

ANYWHERE: Debates interdisciplinares e a indefinição do espaço na conferência de YUFUIN (1992)

ANYWHERE: DEBATES INTERDISCIPLINARIOS Y LA INDEFINICIÓN DEL ESPACIO EN LA CONFERENCIA DE YUFUIN (1992)

ANYWHERE: INTERDISCIPLINARY DEBATES AND THE INDEFINITY OF SPACE AT THE YUFUIN CONFERENCE (1992)

GUARINO, ALEXANDRE DIAS

Mestre, Universidade Presbiteriana Mackenzie e aledg@zarquitetura.com.br

CAMPOS NETO, CANDIDO MALTA

Doutor, Universidade Presbiteriana Mackenzie e candido.campos@mackenzie.br

RESUMO

Este artigo explora os temas e conceitos discutidos na conferência *Anywhere*, realizada em Yufuin, Japão, em 1992. O evento foi promovido e organizado pela *Anyone Corporation*, sendo o segundo de uma série de dez conferências planejadas para aquela década. A *Anyone Corporation*, fundada por Cynthia C. Davidson et al., é uma organização sem fins lucrativos dedicada à promoção do diálogo interdisciplinar sobre arquitetura e urbanismo. A conferência *Anywhere* reuniu pensadores de diversas áreas para debater o conceito de lugar e a ideia de qualquer lugar, refletindo sobre sua importância e implicações na sociedade contemporânea. Este trabalho foi desenvolvido através de revisões bibliográficas e consultas a fontes primárias, oferecendo uma análise crítica e abrangente dos debates ocorridos durante o evento. A investigação focou-se na maneira como os espaços são percebidos e utilizados, considerando fatores culturais, sociais e arquitetônicos. Através dessa análise, busca-se proporcionar uma compreensão mais profunda sobre o significado e a transformação dos lugares na era moderna, contribuindo para o campo da arquitetura e urbanismo com insights valiosos sobre a relação entre espaço e identidade. A relevância dos debates promovidos pela *Anyone Corporation* continua a influenciar o pensamento crítico e a prática profissional nas décadas subsequentes. Este artigo se faz instrumento para debater o evento e seus temas ainda desconhecidos em nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: Conferência *Anywhere*; Qualquer Lugar; Arquitetura; *Anyone Corporation*.

RESUMEN

Este artículo explora los temas y conceptos discutidos en la conferencia *Anywhere*, ocurrida en Yufuin, Japón, en 1992. El evento fue promovido y planeado por *Anyone Corporation*, una organización sin ánimo de lucro fundada por Cynthia Davidson et al., con el objetivo de promover el diálogo interdisciplinar sobre arquitectura y urbanismo. La conferencia *Anywhere* reunió pensadores de diferentes áreas para debatir los conceptos de lugar y cualquier lugar, reflexionándose sobre sus importancia y implicaciones en la sociedad contemporánea. Este trabajo fue desarrollado por medio de revisiones bibliográficas de fuentes primeras, ofreciendo un análisis crítico de los debates ocurridos en la conferencia. La investigación destacó como los espacios son percibidos y utilizados, considerando factores culturales, sociales y arquitectónicos. Por medio de este análisis, buscó proporcionar una comprensión más apurada sobre el significado y la transformación de los lugares en la era moderna, contribuyendo para el campo de la arquitectura y urbanismo con valiosa perspicacia sobre la relación entre espacio y identidad. La relevancia de las discusiones promovidas por la *Anyone Corporation* continúa a influir el pensamiento crítico y la práctica profesional hasta hoy. Este artículo se hace instrumento para debatir el evento y sus temas, aunque desconocidos en nuestro país.

PALABRAS CLAVES: Conferencia *Anywhere*; Cualquier lugar; Arquitectura; *Anyone Corporation*.

ABSTRACT

This article explores the themes and concepts discussed at the *Anywhere* conference held by *Anyone Corporation* at Yufuin, Japan, in the year of 1992. The event was promoted and planned by the same corporation, and this event was the second one in a series of ten conferences planned for that decade. The *Anyone Corporation* was founded by Cynthia C. Davidson et al., this organization is a non-profit one, and dedicated to the promotion and interdisciplinary dialogue about Architecture and Urbanism. The *Anywhere* Conference had assembled thinkers from many different knowledge areas to discuss the concepts of site and place, and the idea of *Anywhere*, reflecting about its importance and implications in the contemporary society. This work was developed through bibliographic reviews and consultations of primary sources, offering a thorough critical analysis of the discussions occurred during the meeting. The research focused in the way how spaces are perceived and used, considering cultural, social and architectural facts. Through this analysis, we seek to provide a deep understanding about the meaning and transformation of sites in this modern era, contributing to the architecture and urbanism fields with valuable insights about the relation between space and identity. The relevance of the discussions provided by *Anyone Corporation* that continues to influence the critical thinking and the professional practices in the following decades. This article is an instrument to discuss the event and its still unknown themes for our country.

KEYWORDS: *Anywhere* Conference; *Anywhere*; Architecture; *Anyone Corporation*.

Recebido em: 05/07/2024

Aceito em: 15/03/2025

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1992, a *Anyone Corporation* convidou um grupo de cerca de 21 profissionais das mais variadas disciplinas, filósofos, médicos, artistas plásticos, poetas, críticos e também arquitetos para debater o lugar. Esta, que é uma empresa destinada ao fomento de ideias, à discussão da disciplina Arquitetura no fim do século passado e também em nossa contemporaneidade, por meio do periódico *Log*. Foram utilizados como fundamentação pela empresa, uma série de conceitos traçados por seus fundadores, os arquitetos e teóricos Peter Eisenman, Cynthia Davidson, Arata Isozaki e Ignasi de Solà-Morales, cujos conceitos principais foram a globalização nascente na década de 1990, a transdisciplinaridade, convidando as outras disciplinas para o debate da arquitetura, e a Indecidibilidade¹, como abordado em Guarino (2020):

[...] indecidibilidade não é somente a habilidade de deixar as coisas não decididas, também foi a disposição de contar com os conceitos do fluxo, de uma história aberta e a certeza de um futuro incerto, contando com o caos, não como uma desordem, mas como uma extrema complexidade que se desdobra a cada instante, sem planejamento prévio.

Conceito, o qual se embasa nos trabalhos dos filósofos Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari e Jacques Derrida que participou de dois dos eventos.

Como o visto em Guarino (2020; 2022) a escolha do nome da conferência se deu pela existência de dez palavras iniciadas pelo vocábulo “Any” na língua inglesa, como por exemplo *anyone*, *anything* e *anyway*. No caso desta conferência, escolheu-se *Anywhere*. Esta palavra significa “qualquer lugar” tendo um prefixo “any” (qualquer) e sufixo “where” (lugar, onde); e com isso referem-se a “um qualquer lugar”, um espaço indefinido, aberto a infinitas possibilidades de acordo com os conceitos acima apresentados.

A compreensão deste “qualquer lugar” leva em conta toda a história da relação do ser humano com o espaço que habita, considerando a noção da pertença a um lugar e de suas consequências quando não há o reconhecimento do lugar como parte da vida das pessoas. Os debates de *Anywhere* questionaram a noção funcionalista do urbanismo moderno, bem como de suas revisões a partir dos anos 1950 e suas críticas em Jane Jacobs (2020) e Aldo Rossi (1995), entre outros.

O objetivo deste artigo é analisar e refletir sobre os debates e conceitos discutidos na conferência *Anywhere*, promovida pela *Anyone Corporation* em 1992, abordando a importância e as implicações do conceito de lugar na sociedade contemporânea através de revisões bibliográficas e consultas a fontes primárias, tais como o livro de registro dos eventos que contam com transcrições das apresentações e debates, e também com imagens e documentações disponibilizados pelo *Canadian Centre For Architecture* (Centro Canadense de Arquitetura, em tradução para o português - CCA) detentor do acervo das conferências da década de 1990.

2 DESENVOLVIMENTO

Qualquer lugar

Nos dias 9 a 11 de junho daquele ano, ocorreu a segunda conferência² *Any, Anywhere*, com uma imersão bem pitoresca, segundo Davidson:

Este livro vermelho (Figura 1) chamado *Anywhere* é um pouco como os guias de viagem da Baedeker [...]. Ele é somente uma representação bidimensional da jornada para *Anywhere*, aquela versão fim do século XX de Xanadu, que levou 21 exploradores para as longínquas terras da ilha de Kyushu, Japão, na busca pelo seu livro guia. Mas *Anywhere* foi muito mais que uma busca intelectual pelo nirvana; era também uma odisséia na qual pessoas reais sentiram uma ansiedade quase imperceptível, onde em seus trabalhos na mesa de conferência, ou em seus jogos eletrônicos de *strip Mahjong*, ou nos banhos extremamente quentes, ou na busca por mangás eróticos e barras de chocolate, despercebidos de que estavam, eles fazendo seus próprios livros guia para qualquer lugar que eles nunca localizaram e que para tal não há mapas, somente uma matriz sem fim do que hoje chamamos informação. (Davidson, 1993, p.14).

Figura 1: Fotografia dos anais da conferência *Anywhere*



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Neste evento organizado por Arata Isozaki e Akira Asada, os participantes foram levados a uma viagem sem igual, ao menos a parte ocidental dos conferencistas tiveram uma experiência ímpar como o descrito por Cynthia Davidson no trecho acima. A narração desta experiência começou com a chegada dos convidados a um país diferente em língua e costumes.

Esta experiência cultural seguiu por toda a conferência, com observações de Davidson, que mencionou, por exemplo, quando da chegada dos conferencistas ao Japão informando à imigração no aeroporto que ali estavam para ir a qualquer lugar (*Anywhere*). Os participantes se reuniram em Fukuoka, de onde partiram numa viagem de navio, em direção a Kyushu, uma das muitas ilhas do arquipélago japonês. Lá embarcaram em ônibus devidamente identificados com o título *Anywhere*, e dirigiram-se à estação de trem de Yufuin, onde seria realizado a conferência no dia seguinte.

Os convidados, então, usaram de taxis, alguns preferiram caminhar, para uma pousada, um tanto exclusiva aos japoneses, onde receberam um tratamento tradicional japonês, quartos típicos com tatames³, salas de estar e cozinha, e claro com banheiros ocidentais. Davidson realça sua narrativa valendo-se de aspectos da multiculturalidade, em busca de um certo cosmopolitismo contemporâneo.

Dentre os desafios de uma conferência fechada em uma pequena ilha japonesa, a barreira linguística ressaltou-se, permitindo somente aos tradutores perceberem a mistura cultural inicialmente planejada pelos idealizadores de *Any*⁴: “Idiomas nativos mantêm territórios e impedem a ideia de uma possível *Anywhere*, exceto na cabine de tradução, onde um movimento instantâneo entre idiomas embaça não somente distinções, mas também significados”. (Davidson, 1993, p.14), levando ao menos estes à experiência inicialmente desejada por *Any*.

A conferência em si contou, em sua abertura (Figura 2), com recepções das autoridades locais, apresentações de *taiko*⁵ e a presença de gueixas⁶ trajadas de seus quimonos⁷ atendendo aos conferencistas com cerimônias do chá. Nesta mesma noite, Akira Asada e Arata Isozaki expuseram perguntas às quais instigaram os conferencistas a elaborarem ideias e conceitos a respeito da validade ou refutação dos antigos conceitos de *Genius Loci* e *Feng-shui*, cada qual empregado em sua cultura de origem e ainda questionaram sobre a dobra do espaço-tempo. Será possível isso na arquitetura?

Figura 2: Abertura da Conferência *Anywhere*, palestra de Arata Isozaki.



Fonte: Acervo Anyone Corporation⁸

A conferência teve uma preocupação apresentada por Isozaki e Asada, que abriram os trabalhos com a apresentação de uma série de tipologias de espaços, do real ao surreal, do preservado ao completamente reconstruído. Com isso, eles entregaram aos participantes três perguntas iniciais: “Como deveríamos reconsiderar estes tipos de espaço dada as condições da cultura contemporânea? Eles são relevantes para a arquitetura contemporânea? Deveríamos pensar em novos tipos de espaço arquitetônico para o próximo milênio?” (Isozaki; Asada, *apud*: Davidson, 1993, p.16).

Figura 3: Fotografia da Arquiteta Elizabeth Diller e do crítico de cinema e literatura francesa Shigehiko Hasumi na conferência *Anywhere*.



Fonte: Acervo Anyone Corporation⁹

O evento, por sua vez, foi dividido em sete mesas¹⁰, ou painéis de discussão, que ocorreram nos dois dias seguintes à abertura. Estes painéis não tiveram uma temática definida para cada um, sendo dispostos como nos próximos parágrafos.

A primeira mesa contou com o filósofo Jacques Derrida, que apresentou o ensaio “*Faxitexture*” e o psiquiatra japonês Bin Kimura, abordou o tema “No Lugar da Habitação”, esta discussão, chamada Discussão 1 e contou com a moderação de Arata Isozaki. Já o segundo painel de discussão (Figura 3) foi formado pelo arquiteto Rafael Moneo, o qual trouxe o artigo denominado “O Murmúrio do Sítio”; a dupla formada pelo pintor Shusaku Arakawa e pela poetiza Madeline Gins apresentaram sobre “Pessoa como Local com Respeito a uma Tentativa de Plano Construído”; o arquiteto Daniel Libeskind trouxe uma reflexão chamada “Daniel Libeskind com Daniel Libeskind: *Potsdamer Platz*”, refletindo sobre as ainda contínuas obras de restauro e recuperação de Berlim na Alemanha. Nesta mesma mesa ainda estavam presentes, a arquiteta Elizabeth Diller fazendo a apresentação de seu artigo intitulado “Turismos: Estudos de Malas”; o arquiteto e teórico Robert E. Somol que apresentou baseado em seu artigo “Especificando Sítios”; o arquiteto japonês Tadao Ando abordou sua visão sobre o “*Genius Loci*” e Ignasi de Solà-Morales submeteu o artigo chamado “Local: Permanência ou Produção”. Este painel gerou a Discussão 2, moderada por Mark C. Taylor.

A composição da terceira mesa, chamada de Discussão 3, com moderação de John Rajchman, foi como segue, o crítico de arquitetura Jeffrey Kipnis apresentou seu artigo chamado “Quatro Apuros”; o crítico de literatura Kojin Karatani apresentou “Notas sobre Espaço Comunicativo” e o crítico de cinema Shigehiko Hasumi apresentou sobre “Assinatura e Espaço”.

A mesa chamada de Discussão 4 contou com a participação do arquiteto holandês Rem Koolhaas que apresentou o artigo denominado “Enquadrando o Novo (*Gridding the New*)”; o editor Sanford Kwinter trouxe para a mesa o texto “Emergência: ou a Vida artificial do Espaço” e Fredric Jameson apresentou sobre “Alegorias de Qualquer Lugar (*Anywhere*)”. Este painel contou com a moderação de Akira Asada. Jeffrey Kipnis realizou a moderação da Discussão 5, sendo que nesta mesa estavam presentes: o urbanista Paul Virilio que trouxe uma reflexão sobre “Ecologia Cinza”; o arquiteto Toyo Ito apresentou o ensaio intitulado “Arquitetura em uma Cidade Simulada” e o filósofo, teólogo e professor Mark C. Taylor tratou do tema “Espaço Terminal”.

O sexto painel reuniu o artista plástico Ingo Günther, o qual trouxe um pouco de sua experiência como cidadão do mundo com “Transmundial *Anywhere* (qualquer lugar): Qualquer Mídia acima de Qualquer Matéria”; o arquiteto e teórico Peter Eisenman apresentou “Nenhum Lugar Chave para Dobrar (*K Nowhere 2 Fold*)” e o crítico de arquitetura John Rajchman apresentou o seu artigo “Qualquer Lugar e Nenhum Lugar (*Anywhere and Nowhere*)”. Esta discussão também foi moderada por Akira Asada, sendo denominado de Discussão 6; e o último painel de discussão, denominado no livro (anais) por Discussão 7, trouxe apresentações de Arata Isozaki explanando um pouco sobre o conceito de *Ma* e *Chora* em “O Demiurgos de Qualquer Lugar”; a professora e historiadora Rosalind Krauss apresentou seus pensamentos em “A Escatologia de Qualquer Lugar (*Anywhere*): Modernismo Contra o Grão” e por fim o arquiteto canadense Frank O. Gehry trouxe o artigo intitulado “Sítio para Qualquer Lugar (*Anywhere*)”, a discussão que se seguiu contou com a moderação de Jeffrey Kipnis.

Este “qualquer lugar” teve suas explorações próprias que a partir dos relatos de Cynthia Davidson, não houve em Yufuin uma platéia. Sua audiência propriamente definida, encontravam-se e Tóquio, todas as apresentações e discussões foram transmitidas via satélite para uma instalação na capital nipônica, “No caminho, engenheiros em camisetas preparam a transmissão via satélite de *Anywhere* para Tóquio, um novo ritual”. (Davidson, 1992, p.14), em que pessoas assistiam ao vivo às palestras e exposições dos conferencistas, estas podiam enviar suas perguntas por meio do fax.

Debatendo o qualquer lugar

Dos painéis analisados nesta série de conferências, o segundo painel foi o maior deles contou com sete conferencistas, dentre eles Rafael Moneo, a dupla formada por Shusaku Arakawa e Madeline Gins, Daniel Libeskind, Elizabeth Diller em texto com a coautoria de Ricardo Scofidio, Robert E. Somol, Tadao Ando e Ignasi de Solà-Morales.

Cada qual, abordando sua forma de compreender o lugar, o “qualquer lugar” de *Anywhere*, tendo desde uma ode ao contexto por Moneo a outra ode ao *Genius Loci* por Ando. Outros, trouxeram novas formas de olhar

para o espaço, seja real ou virtual, seja construído, ou, seja ele o corpo humano. Não houve um tema específico para este painel de discussão somente o debate em círculo entre seus participantes a respeito do lugar. Entretanto, houveram as três perguntas de Isozaki e Asada para nortear os debates em meio a conferência.

O Murmúrio de Moneo

O arquiteto espanhol Rafael Moneo apresentou um pouco de sua poética na escrita de artigos acadêmicos, com o título “O Murmúrio do Sítio”, o qual trazia em si uma poética do detalhe, do singelo e delicado. O local de intervenção arquitetônica é visto como detentor de detalhes físicos e energias invisíveis que devem, ou ao menos deveriam influenciar o projeto arquitetônico.

Segundo Moneo o ato de demarcação do lote é o primeiro ato colonizador do sítio, pois assim se marca a posse, e: “[...] definindo sítios pelo bem de fronteiras demarcadas e pelo recebimento de uma construção que consuma o ato da posse e demarca a presença humana e sua história.” (Moneo *apud* Davidson, 1993, p.48).

Com todas as suas convicções, Moneo (1993, p.48), afirmou que a arquitetura pertence ao lugar, ela se apropria do lugar, e que o ato da escuta do murmúrio do local é a forma de que o arquiteto pode se apropriar do sítio para assim fazer arquitetura. Algo que para ele é imensamente importante: “Eu acredito que o aprendizado da escuta do murmúrio do lugar é uma das experiências mais necessárias da educação arquitetônica.” (Moneo *apud* Davidson, 1993, p.48)

Rafael Moneo assevera que: “O ato de construir toma posse do sítio, mas como contraponto ele também nos permite descobrir seus atributos. Ao mesmo tempo, o local permite que o pensamento arquitetônico seja específico e se torne arquitetura.” (Moneo *apud* Davidson, 1993, p.48), apresentando seu pensamento em como a teoria se torna obra. Este projeto com o sítio de Moneo tem sido confundido com a ideia de contexto, e gerado objetos que aparentam completar vazios urbanos e paisagísticos, uma arquitetura um tanto neutra.

Para Moneo o sítio é algo específico e único, e justamente por isso gera uma arquitetura específica e única, o que vai de encontro com as propostas da conferência onde se discutiu que o local de inserção da arquitetura pode ser um qualquer lugar. Devido ao seu pragmatismo ele disse: “O sítio é onde a arquitetura está, Não pode ser qualquer lugar.” (Moneo *apud* Davidson, 1993, p.49). E, com isso, ele termina dando como exemplo dois projetos, um projeto de um complexo cultural e de conferências em San Sebastian, País Basco, e outro em Palma de Mallorca, a Fundação Miró: “Eu espero que estes dois projetos ajudem a clarear minha afirmativa que o sítio é definitivamente inseparável da arquitetura - se envolve em qualquer lugar.” (p. 53)

Ainda, a respeito deste tema, é possível observar, em duas falas distintas de Moneo, suas reflexões a respeito de suas ideias de sítio e imobilidade: “Dizer que apropriação é requerido a um lugar específico é dizer que a arquitetura pertence ao sítio. [...]A ideia da imobilidade está implícita no conceito de sítio, a presença de um solo que retém o edifício para sempre” (*apud* Davidson, 1993, p.48).

Arakawa, Gins e a Pessoa como Local

Uma dupla formada por um pintor e uma poetisa (um japonês e uma estadunidense), Shusaku Arakawa e Madeline Gins, apresentaram em conjunto um artigo sobre a percepção da arte. Com isso eles levantaram a questão do lugar relacionado às pessoas, pessoas como sítios.

Este par de artistas se expressou de forma dura, quase técnica em seu artigo e apresentação, é possível aferir com base em trechos de suas atuações no debate, que esta estética adotada fazia parte de sua arte. A princípio, pessoas são entidades e sítios são lugares. Tal como pessoas e corpos são coisas diferentes. E seguindo estas definições como fatos, eles se perguntam com relação ao quanto do mundo próximo a um corpo pertence ao mesmo, e o quanto disto é devido ao definir aquele corpo como pessoa. Neste contexto, a pessoa é um indivíduo dotado de um corpo e uma psiquê. O sítio, portanto, é um local definido perante referentes geográficos. e ambos são influenciados pelo tempo, ou seja, pela relação espaço-tempo. Logo a pergunta deveria ser quanto de tempo, e espaço, pertencem a pessoa e quanto pertencem ao sítio?

Segundo a dupla, sendo o espaço dependente da percepção do indivíduo para que o mesmo venha a pertencer a ele, as formas de percepções espaciais que aquele corpo usufrui é o responsável pela construção de seu mundo. Com isso eles afirmam: “Formar um sítio é configurar um esquema.” (Arakawa; Gins, *apud*: Davidson, 1993, p.61).

A formação deste esquema começa com o nascimento do indivíduo que ao longo de seu desenvolvimento identifica e significa tudo que percebe a sua volta. A partir desta contextualização, o que Arakawa e Gins

chamaram a atenção, é para o fenômeno do membro fantasma, algo comum em pessoas amputadas. Este fenômeno consiste no paciente ainda sentir a existência do membro ou parte do mesmo, mesmo que este não mais faça parte do seu corpo, gerando assim, uma forma específica de perceber o espaço em volta do paciente amputado. Os pacientes abordados por Arakawa e Gins, muitas vezes contavam com o uso de próteses, e estas mesmas ampliavam o membro fantasma, “[...] ao adicionar a ele dois meios de contato com o mundo exterior: um contato tátil que é imediato e um contato visual mediado.” (Arakawa; Gins, *apud*: Davidson, 1993, p.65-66).

Este fato gerou então, uma sobreposição de contato com o exterior ao corpo do paciente, ali contam dois contatos perceptivos com o espaço um sendo a prótese e o outro o membro fantasma, porém, há ainda outros dois pontos de contato, sendo referentes ao contato da prótese com o remanescente do corpo do paciente, este então percebe e alimenta o espaço por ao menos quatro pontos de contados, isto no caso do membro amputado, sem falar dos demais membros e sentidos do indivíduo.

Daniel entrevista Libeskind

Daniel Libeskind submeteu um artigo para a conferência algo totalmente diferente do registrado, em relação a este texto nada foi publicado, mas sua apresentação foi transcrita com direito a nota explicativa que ajuda a compreender a dimensão do acontecido, chamado por Davidson de “provocativo”.

Ele apresentou algo que recebeu o nome de “Daniel Libeskind com Daniel Libeskind: *Postdamer Platz*”, uma entrevista dele com ele mesmo apresentando seu projeto para *Postdamer Platz* e sua forma de encarar o espaço a ser reconstruído em Berlim, começando em tom de surpresa, ele fala:

Eu não pensei que isto seria uma conferência acadêmica sobre noções conceituais que poderiam ser compiladas em um livro, mas pelo contrário uma discussão com pessoas que, de vários caminhos da vida e vários discursos, estão perseguindo algo que eu acredito não estar aqui. (Libeskind *apud*. Davidson, 1993, p.70).

Libeskind pôs de forma clara suas afirmações, entre as dialéticas de qualquer lugar e um lugar, e entre o lugar e o não-lugar. E, o fato de que para ele, o sítio, o local, o lugar não existe; evocando as apresentações de Moneo e Derrida, ocorridas anteriormente, para explicar sua posição com relação ao lugar, como em Moneo, ele afirma que há sempre um sítio para ver, analisar, estudar e ocupar. Porém, este mesmo sítio é qualquer lugar, indefinido e aberto. A partir de Derrida, Libeskind confirma a inexistência do sítio, e das ilusões de controle que é imposto aos espaços. Se não há este controle, esta colonização, não pode haver a definição de um sítio. O que existe acaba sendo uma interpretação política de qualquer lugar. Desta apresentação não-convencional começa-se extraíndo que, para ele há dois tipos de crescimento urbano, um deles se dá pelo crescimento natural da população, pela evolução de sua cultura, seu comércio e meios econômicos sem ser frenético. Já o segundo tipo de crescimento urbano se dá por vias puramente econômicas, cidades que de forma repentina apresentaram investimentos rápidos e frenéticos criando uma cidade nada pitoresca.

Para Libeskind, as cidades, por mais que órgãos governamentais e instâncias burocráticas busquem por definições exatas e oficiais, estas são polos de multiplicidades dentro de si, indefiníveis por sua própria natureza. Assim sendo, a tal necessidade de estabelecer os chamados “*master plans*” acabam sendo um erro, este que se caracterizam por não servirem para integrar a multiplicidade da vida urbana ao seu território. Para ele, o “*Master Plan*” é algo que remete aos antigos mestres do modernismo, e que reflete o momento em que estavam.

Berlim, é uma cidade única, no sentido de singular, mesmo que formada por sua característica multiplicidade, lá não há um centro e periferia tradicionais. O que existiu foi uma Berlim antes da guerra, uma no pós-guerra dividida pelo muro, e outra em busca de se redefinir com a queda do mesmo muro que a dividia. Embora dividida na época do muro, Libeskind encontrou uma abertura, uma cidade aberta ao futuro. Com o fim do muro sua população foi contagiada por uma nostalgia de um mundo que não existe mais.

Para o autor, o planejamento urbano deveria ser multidisciplinar, envolvendo não somente arquitetos e urbanistas, mas toda uma sorte de profissionais, sociólogos, cientistas, escritores, poetas, artistas plásticos, médicos, advogados, músicos entre muitos outros para evitar soluções burocráticas decididas por um grupo seleto de autoridades municipais e profissionais específicos. A história é viva, ela não é o registro de si, ela é o acontecimento constante e atual, logo ele justifica o Museu Judaico como uma obra de seu tempo, há respeito ao existente, porém não deveria existir o seu mimetismo.

Em *Postdamer Platz*, a história foi confrontada pelo simples fato de todos os documentos providos pelas instâncias governamentais estarem desatualizados há mais de 50 anos em relação ao concurso, logo este registro histórico ao não refletir a realidade possibilitou novas formas de trabalho por parte de Libeskind. Para isso, ele se valeu de um conceito, o de que o sítio, o que faz a sua existência é a ação de seus atores. E para isso ele cita uma frase de Santo Agostinho “Cidades não são feitas de pedras, mas de seus habitantes”. O planejamento urbano pode e deve ser aberto, deve contar com o caos, e buscar menos uso do cosmos, segundo Libeskind (*apud*: Davidson, 1993, p.79).

Este é um tipo diferente de planejamento, com tudo que não pode ser planejado como seu propósito e meta. A maioria das pessoas pensa que a essência do caos está na ausência de conceitos ou desenhos, que é nada menos do que confusão. Por exemplo, a palavra cosmos: este termo foi usado uma vez como uma antítese ao caos e significava “formação militar”. O caos era aparentemente algo que veio antes de qualquer tipo de organização militar, ainda de acordo com esta tradição muito antiga este não era um termo negativo. Esta foi a fundação de qualquer coisa tipo de ordem. Tal como para o processo de planejamento: “[...] deve, acima de tudo, ser aberto. Isto não pode ser contido por algum exercício individualista. Esta é parte da razão para o planejamento aberto.” (Libeskind *apud*. Davidson, 1993, p.79). O caos não pode ser planejado nem controlado, mas Libeskind afirma que se pode captar seus traços, e que o caos muitas vezes é somente a forma como as pessoas veem o que ainda não compreendem. Daniel Libeskind, termina sua auto-entrevista com esta fala:

p: O que Berlin precisa agora? Um prefeito como o de Nova Iorque?
r: Não, nada mais destes mestres. Nós não podemos esperar por Godot. Não é sobre a espera. Se você esperar por alguém deste tipo, ele nunca aparecerá. Há somente uma coisa a fazer, começar agora. Com todas as imperfeições, mas também com todas as metas e desejos. Você tem que desbravar seu caminho e aceitar que a chave do sucesso está em Berlim. Não espere por um visionário ou um mestre futuro que não vai aparecer a qualquer momento. (Libeskind *apud*. Davidson, 1993, p.81)

Turismo com Diller + Scofidio

Elizabeth Diller e Ricardo Scofidio apresentaram um artigo escrito em conjunto, “Turismos: Estudos de Malas”, colocando o foco sobre o turismo, as viagens, o ir a um sítio para visitá-lo e experimentá-lo. Isto configura toda uma sorte de lugares, impondo significados muitas vezes artificiais devido a um interesse econômico. A experiência da viagem pode ser de diferentes formas, pode ser por meio da viagem física, a qual muitas vezes nos leva às vistas consagradas, em que os turistas de diferentes partes do mundo repetem ações e imagens que só se diferenciam por causa das variações climáticas ao longo dos anos.

As tecnologias têm propiciado formas outras de viagem, a ficção-científica apresenta a viagem dentro de sua própria mente, como em “Vingador do Futuro (*Total Recall*)”. Já em nossa realidade, as emissoras de televisão trazem o chamado “programa de viagens”, no qual o apresentador mostra um filme documentário de uma viagem aos pontos turísticos ao redor do mundo, é o conhecer os lugares sem sair do local. Diller, que apresentou sozinha, chama a atenção para o tamanho da indústria do turismo e suas peculiaridades. Na tentativa de oferecer novas possibilidades e experiências aos turistas apareceu o fenômeno da “história viva”, uma recriação artificial de um momento histórico que não existe mais, conforme as reflexões abaixo:

Nesta história viva, o turista pode voltar no tempo como um observador passivo sem qualquer efeito sobre os resultados futuros, um dilema clássico da viagem no tempo da ficção científica. No espaço da recriação do tempo, o turista aceita sem problemas o papel de *voyeur*. (Diller; Scofidio *apud* Davidson, 1993, p.84)

Nestes exemplos, existem as cidades que recriam regularmente ou sazonalmente momentos históricos, batalhas, cotidianos, festas, execuções, todo um leque de opções para satisfazer os desejos de seus visitantes. Espaços artificiais, dotados de nostalgia e falsidades, os quais devem apresentar a autenticidade, mas apresentam uma “autenticidade” criada para o entretenimento de seus visitantes. como por exemplo, na Cidade de Horsens, Dinamarca, ocorre todo ano um festival medieval, que fantasia parte da cidade em uma vila do século XI, pessoas vestidas a caráter, disputas de espadas e justas a cavalo, comidas e bebidas de época, segundo relatos, uma imersão em um momento irreal da história. Neste mesmo país, há na cidade de Århus um parque temático chamado “*Den Gamle By* (A Cidade Antiga)” (Figura 4), em que casas, pontes, mobiliário urbano foram trazidos de todo o país, desconstruídos em suas localidades e reconstruídos no parque. De novo uma experiência imaginária de uma vida no século XIX.

Figura 4: Fotografia de *Den Gamle By* (A Cidade Antiga).



Fonte: Acervo Pessoal, 2000.

Elizabeth Diller evoca a viagem, o deslocamento, o mecanismo de escape da realidade do lar. “De fato, a palavra *vacation* deriva do Latin *vacare*, deixar (vazio a casa de alguém) [...]” (Diller; Scofidio *apud* Davidson, 1993, p.89), então se deixa o lar para se experimentar algo novo, único. Assim sendo, ela se questiona se a tecnologia do vídeo consegue levar ao telespectador a experiência da visita in loco, a produção de uma noção paradoxal, o ir sem sair do lugar.

Mas, esta experiência também ocorre quando do relato das viagens seguidas de apresentação das fotografias ou mesmo slides a amigos e familiares que tem a possibilidade de se imaginarem no lugar que não visitaram por meio da experiência de um conhecido. Para Diller pode-se aferir que o sítio é o espaço e sua experiência dele.

Especificando Sítios

O crítico Robert Somol apresentou a respeito da especificidade do lugar, fazendo alguns jogos de palavras e conceitos ligando a especialização, presente na biologia. De certo modo, no movimento moderno a arquitetura seguia um mesmo código formal, tal código ou linguagem era semelhante na grande maioria de obras construídas nesta época. Com o surgimento das críticas ao modernismo houve uma dispersão deste código, a começar pelos conceitos de lugar e não-lugar.

Somol comenta a escolha dos títulos para as conferências, de modo que, a palavra *any* (qualquer) gera o tema do desaparecimento; e em *Anyone* há o desaparecimento do sujeito e em *Anywhere* ocorre o desaparecimento do local. Ele mesmo já menciona o conceito datado de desaparecimento, sendo que não mais refletiria a contemporaneidade de sua época. Mas, nenhuma teoria atual, dos anos próximos a esta conferência seria possível sem se compreender a dimensão de alguns pontos fortes da teoria arquitetônica a partir do pós-guerra, as noções de complexidade, contraste, ambiguidade, identidade, contexto, colagem, história, entre tantas outras.

De acordo com Somol, estes conceitos serviram para se criar e estabelecer uma linguagem da arquitetura, linguagem esta que teria como objeto principal a obra arquitetônica. “A matriz que faz a ambiguidade possível - ambos o campo ou estrutura da grade tal como o evento da colagem - serve para fazer a arquitetura legível e a impede de se tornar meramente associada com a colagem.” (Somol *apud* Davidson, 1993, p.94).

Um bom exemplo do fato das teorias do pós-guerra serem a base das teorias contemporâneas à conferência se dá, segundo Robert Somol, às releituras feitas por Rem Koolhaas e Michael Hays. O primeiro, se ocupou por reler Le Corbusier; e o segundo, releu a Mies van Der Rohe. Nestes trabalhos, Koolhaas e Hays utilizando

inicialmente da ideia de colagem trazida por Rowe, mas usando a partir daí conceitos próprios vindos das vanguardas históricas, o Dada e o Surrealismo, desenvolveram uma noção diferente de colagem. “Estas releituras [...] podem estar levemente afiliadas aos termos enxerto, montagem, complexidade, matriz, e dobra.” (Somol *apud* Davidson, 1993, p.94) O conceito da dobra leva ao desfoque de certos cânones do modernismo, como por exemplo ao assumir em si a possibilidade de desfigurar a geometria cartesiana das formas puras.

O sítio, o lugar, passa por incontáveis definições e redefinições do que seria e, o não-lugar que se definiu como o domínio do transitório, aberto e indefinível. Um dos pontos tratados por Somol a este respeito, é o da possibilidade de se criar, ou mesmo gerar um local que fique entre o lugar e suas definições e o não-lugar e suas indefinições, o que pode ser entendido como o interstício. Em sua apresentação, após refletir de forma bem resumida sobre todos os temas e conceitos acima comentados, Robert Somol fez a leitura de um tipo de glossário com palavras aparentemente diversas e soltas, que em comum referenciam a astronomia. Um glossário, um dicionário é nada mais do que uma forma de se especificar palavras, termos, nomes, títulos, etc. Um meio de se ter o controle sobre as coisas a nossa volta.

Tadao e o espírito

Tadao Ando ficou mundialmente conhecido pela linguagem de suas obras, concreto aparente, mas diferentemente do Brutalismo, parecem leves e fluidas. Ele participou somente deste evento, e apresentou um pouco de como vê o lugar, o sítio, o local onde edifica suas obras. O já tradicional conceito de *Genius Loci*, o espírito do lugar, se mostra para Tadao Ando, como algo deveras sagrado, mesmo não sendo um retorno à terra ou à história do lugar, ele considera este *genius loci*, o despertar da terra e da história do lugar.

Ele diz: “Por meio da arquitetura eu me esforço para fazer o vento dançar e a terra e o céu reverberar. Para isto poder despertar o movimento do *genius loci* para revigorar. E restaurar a vitalidade e sua vida.” (Ando *apud* Davidson, 1993, p.102). Ou seja, projetar com o sítio, com suas peculiaridades, para que a obra dê valor ao local de sua implantação.

Ignasi de Solà-Morales, o lugar, a permanência ou a produção

Solà-Morales discorreu sobre seu artigo, “Lugar: Permanência ou Produção”. De início ele conceituou o espaço, uma noção moderna decorrente da continua discussão arquitetônica a respeito dele. Mas aqui, Ignasi buscou definir uma especificação do local, espaço, lugar.

De Aristoteles a Kant, passando por Newton e Descartes; o espaço sempre foi pensado como algo que poderia ser representado em três dimensões claras e estáveis. Após as publicações das teorias da física einsteiniana, como a teoria da relatividade especial, o conceito de espaço sofreu uma série de mudanças radicais, por exemplo, a adoção da quarta dimensão, o tempo. Com isso, o espaço estava permanentemente associado ao tempo, de forma que não poderiam ser dissociados. E, isto influenciou todas as ciências partir de então.

Segundo Solà-Morales em seu artigo, a cultura moderna definiu a arquitetura como sendo a disciplina que produz o espaço, aquela que o controla e define. Por exemplo, atualmente, o espaço tem sido visto de forma instável, aberto e indeterminado. A relatividade do espaço ganhou força nas artes plásticas, como em Hildebrand, em que a vivência da obra se dá pelas diferentes percepções que temos ao longo de diferentes distâncias da mesma, para o autor, este é um fator definidor de momentos artísticos.

Solà-Morales tratou as possibilidades espaciais por meio da investigação do que se é factível por meio de nossos aparelhos receptores, olhos, mãos, ouvidos, etc., os mesmos que se responsabilizam pelos nossos sentidos. E isto gera, segundo o autor:

A criatividade espacial se manifesta primariamente por meio de mecanismos psicológicos. Visão próxima e distante, tato, e o movimento do corpo estabelecem a condição para a experiência do espaço tal que a produção de novos espaços e novas experiências é indissoluvelmente ligado com os mecanismos de percepção do sujeito. (Solà-Morales *apud* Davidson, 1993, p.111).

Nesta apresentação do espaço e lugar, Ignasi de Solà-Morales avançou para o pós-guerra, para as noções de lugar trazidas pela fenomenologia husserliana, a noção de lugar, que norteou os trabalhos de Aldo Rossi e Robert Venturi, cada qual ao seu modo trataram a especificidade do lugar. Seja pela memória, tipologias, identidade, contexto ou aptidões comunicativas.

Em sua contemporaneidade, o autor atentou para o encurtamento de distâncias por meios dos meios comunicacionais, algo abordado pela conferência em si. Este motor da globalização tornou palpável o conceito de que as distâncias são relativas, com transmissões ao vivo de eventos ao redor do mundo.

Durante toda a sua apresentação, Solà-Morales apresentou esta evolução dos conceitos do espaço e como este variado corolário visava compreender suas definições de espaço e lugar. Solà-Morales (*apud* Davidson, 1993) cita alguns questionamentos do antropólogo Marcel Detiene,

[...] "O que é um lugar? Tem um nome? É algo fixo? O que quer dizer habitar? Habitar, ordenar, construir é uma cadeia contínua? Há lugares que falam, outros que atuam como signos, lugares que são como bocas a serem alimentadas, como ventres que tem que ser preenchidos. Há lugares livres, vacantes, disponíveis... Primeiros gestos, passos iniciais, para começar, para inaugurar, para estabelecer..."[...] (Solà-Morales *apud* Davidson, 1993, p.114)

Deste modo, refletindo sobre o ponto fixo do lugar, com sua capacidade inerente de organizar o espaço e a memória. Mais uma vez, baseado em Heidegger, Ignasi nos mostra a indissolubilidade da relação espaço-tempo. Mesmo que certos lugares tragam identidades históricas, estas estão constantemente sendo desafiadas pela constante evolução do tempo. Muitos lugares perdem seu significado histórico ao longo das gerações.

Fortemente influenciado por Deleuze e Guattari, Solà-Morales evocou a produção de lugares por meio da compreensão das energias presentes, do afeto com o meio, para que prevaleça a força dos mecanismos projetáveis "[...] capazes de promover a extensão de suas ondas de padrões e intensidade do choque que sua presença produz." (*apud* Davidson, p.115). Por fim, para ele, o lugar contemporâneo é uma mescla de fluxos energéticos, meios e modos de ver, perceber, ler e apreender os mesmos. O lugar que tanto se discute nesta conferência é: "[...] uma fundação um tanto conjunta, um ritual do e no tempo, capaz de fixar um ponto de particular intensidade no caos universal de nossa civilização metropolitana." (Solà-Morales *apud* Davidson, p.115).

Segundo debate

O teólogo Mark Taylor foi o escolhido para fazer a moderação deste debate, ele começou com uma lista de qualificações do sítio mencionadas pelos conferencistas em suas apresentações, esta lista parcial, segundo o mesmo era:

[...] sítio decisivo, sítio dado, sítio de viagem, sítio que desaparece, sítio que desaponta, sítio construído, sítio reconstruído, sítio específico, sítio ubíquo, sítio de pouso, sítio não existente, sítio murmurante, sítio unificador, sítio sublime, sítio de intensidade, sítio dessublimado. (Taylor *apud* Davidson, 1993, p.118).

A primeira parte do debate, centrou na questão do particular e do universal, Para Rem Koolhaas, Tadao Ando deveria se mostrar mais aberto ao caráter universal da arquitetura, em tempos de globalização e *Any*, isto faz sentido se o arquiteto possui obras espalhadas pelo globo. E com isso, percebe-se um debate a respeito da identidade pessoal *versus* identidade global. Um debate que remete à Stuart Hall (2015), que buscou traçar uma compreensão da identidade na globalização, a identidade múltipla, hifenizada. Esta postura cultural leva a questões da cultura individual que, de fato, é a visão de Tadao Ando (*apud* Davidson, 1993, p.118):

Quando viajo para fora eu não estou tentando trazer a cultura japonesa para o mundo. Eu estou tentando levar a mim mesmo, minha cultura pessoal para o exterior. Há um confronto entre culturas diferentes. Novas questões e novos problemas devem surgir do conflito. Tal situação é um tanto interessante para mim.

O tema do local, lugar, sítio da intervenção arquitetônica através do entendimento de Akira Asada, o espaço específico para alguns como Solà-Morales, Moneo e Tadao Ando poderia ser quase qualquer coisa, contanto que pudesse ser algo definido, especificado e dotado de peculiaridades que o fazem único. A partir da fala de Asada, o debate mudou um pouco. Daniel Libeskind mencionou, que a apresentação de Ignasi de Solà-Morales teria sido reacionária, como forma de encerrar a modernidade. A resposta de Solà-Morales foi direta e densa, informando aos presentes que sua posição não seria contrária a modernidade, mas sim a favor dela, e também seria contrária a Derrida e Moneo. Reiterando a sua posição: "O que eu propus é a produção do

sítio em vez de manter o sítio. Quando você diz que estou olhando para trás para os sentidos históricos você me entendeu mal.” (Solà-Morales *apud* Davidson, 1993, p.119).

A discussão acerca do sítio teve uma menção importante de Elizabeth Diller, que considera a existência do sítio somente quando ele é especificado, quantificado, qualificado, etc. Somente quando um espaço qualquer se torna o espaço, ele se torna um sítio para Diller. Novamente, a identidade, no caso a identidade do lugar, assim volta-se ao debate do *genius loci*, e se este espírito existe mesmo no sítio. Taylor interrompeu a discussão para uma pergunta da audiência em Otta, a pergunta veio por fax uma pergunta relacionando a apresentação de Solà-Morales com as concepções de espaço e lugar de Newton e Einstein. Solà-Morales respondeu ao fax, passando por noções do espaço de Aldo Rossi, Heidegger, entre outros, como justificativa de sua abordagem do espaço como sendo algo que é produzido como um ato artístico, isto é, o espaço arquitetônico é o resultado de uma reflexão que se materializa como intervenção que gera uma série de possibilidades de experiência pelos usuários. A questão da intervenção se dá porque todo e qualquer lugar já existe, mesmo que sem significado ou que possa ter seu significado transformado.

No debate, Madeline Gins se mostrou desapontada com a discussão até o momento, pois para ela todos estavam sendo conservadores e suas falas não possuíam uma quantidade satisfatória de conflito. Daniel Libeskind logo a respondeu falando que o objetivo seria encontrar o qualquer lugar comum a todos os debatedores, sendo que o importante seria a própria discussão sem pretensões ligada a nenhuma radicalidade, o objetivo é uma construção coletiva de *Anywhere*. Peter Eisenman também discordou do posicionamento de Madeline Gins sobre o conservadorismo, outros também o fizeram tal o choque às declarações da poetisa.

Rajchman se pronunciou satisfeito com as definições de “qualquer lugar” apresentadas até então, relacionando-os a geografia. Libeskind o respondeu reforçando a ideia do ato político ao realizar obras que desafiam a tradicionalidade da arquitetura, as instâncias públicas, a recepção da sociedade e Madeline Gins esclareceu sua declaração anterior, tendo ciência de que estava na presença de arquitetos que sempre possuíam posturas radicais, o conservadorismo não fazia sentido, sua intenção era a de instigar os presentes a pensar formas de ir além, de agirem e pensarem de forma mais radical. O que para Mark Taylor parece problemático, pois em algum momento este ir além se torna conservador, quando se assume a radicalidade para si de forma a esquecer os referentes. Aproximando o fim do debate, Akira Asada demonstrou uma preocupação da arquitetura em meio à enxurrada de informações da globalização iminente. A pergunta que fica é como pensar no sítio em meio a este contexto.

Mark Taylor, encerrou o debate de um modo um tanto formal, entretanto isto não se repetiu nas demais conferências. Na sua fala final em meio a discussão, um único assunto encontrou unanimidade no debate, “[...] é que qualquer lugar não é nenhum lugar. Nem é algum lugar.” (*apud* Davidson, 1993, p.123).

Ma e lugar

A explanação sobre a participação de Arata Isozaki no último painel é de grande importância para a pesquisa como um todo, pois além de ser um dos fundadores de *Any*, ele também foi o anfitrião desta conferência; e seu tema é vital para a compreensão do debate sobre o “espaço” e o “lugar”, no caso Isozaki abordou em “O Demiurgos de Qualquer Lugar” os conceitos que nortearam sua carreira, *Ma*(間) e *Chora*.

Para o autor estes conceitos, *chora* e *ma*, são próximos pois ambos não formam uma imagem limpa. Estes conceitos são medidos pelo vazio, pelo vácuo gerado e o devir algo nesta lacuna gerada, que inserem uma distância absoluta onde há um nada. Este vazio do *ma*, foi muito utilizado para descrever tipos de espaços e salas, como no exemplo citado por Isozaki, sala de chá (*chano-ma*), o espaço vazio entre os pilares de um edifício é denominado de *ma*, e este vazio como no exemplo acima compõe o ambiente arquitetônico.

Com isso muitos consideram o *ma* uma repetição rítmica. Mas não é só isso, Arata Isozaki nos apresenta a imanência do *ma*, que em japonês se chama *utsu* ou *utsuru* (vazio), que é enchido pelo *ki*, os gregos usavam o conceito de *pneuma*, para algo semelhante, a energia da vida. Todo *ma* é percebido através da contemplação do espaço, da implantação contextualizada dos edifícios em seus meios, dos espaços vazios deixados para que possam ser preenchidos pelo *ki*.

Consoante a Arata Isozaki, Tadao Ando também trouxe uma interpretação do conceito de “*Ma*”, ao dizer que busca reiniciar o “*genius loci*”, ou seja, a energia, o espírito do lugar para assim gerar vida nova no sítio ocupado. Demonstrando que a cultura japonesa, mesmo que tendo influências ocidentais no *genius loci*, ainda mantém forte suas formas de perceber o espaço intersticial.

3 CONCLUSÃO

Considerando algo

Compreendendo o exposto sobre o ocorrido e seus debates vemos um pensamento a respeito do lugar como um espaço antes indefinido e após sua posse, entendimento, classificação, enfim sua definição este se torna o lugar, um sítio que exprime uma relação com seu entorno, com o ambiente natural ou urbano destinado a um uso arquitetônico. Também temos a ideia de Arakawa e Gins de que o local é o definido pela experiência do corpo humano, pois a definição do lugar e sua existência depende da relação dada pelas pessoas.

Solà-Morles, por exemplo, nos apresenta a questão da produção de espaços que só é possível com a percepção dos mesmos, um adendo aos conceitos da dupla nipo-estadunidense. Somol buscou um espaço entre lugares, entre definições, algo como um interstício entre o lugar definido e o “não-lugar”, o transitório. Talvez este possa ser o “qualquer lugar” que *Any* poderia estar debatendo.

Este “qualquer lugar” de *Any*, faz referência ao conceito de não-lugar de Marc Augé, que, de forma simplificada, expõe os espaços antropológicos de transição, os espaços que existem, mas não são os lugares da sociologia nem da antropologia, o lugar de percurso, passagem, o lugar de estadias temporárias que muitos consideram não oferecer afeto. Estes espaços indefinidos foram o ponto central do painel apresentado, e de certo modo da conferência em si, o não lugar é um qualquer lugar.

Também podemos entender este “qualquer lugar” como uma questão ambígua dotada de uma constante de aproximação e afastamento com relação ao sítio, e nesta relação constante Mark Taylor assevera o seguinte: “Sem a incessante oscilação entre aproximação e afastamento nenhum debate é possível. Esta é a negociação daquele espaço-tempo indeterminado de qualquer lugar que nós somente começamos nesta manhã.” (Taylor *apud* Davidson, 1993, p.123)

Com isso, podemos compreender *Anywhere* como sendo um lugar indecidível por definição, aberto por natureza, energético por herança, tal como o encerramento da conferência:

Asada clama o evento *Anywhere* para um repentino encerramento precisamente às 12 horas da quinta-feira; fim das discussões. Contrariamente ao cerimonial da abertura, todos se vão sem cerimônia alguma: alguns para um ônibus, outros para os trens; outros ainda pegam os taxis antes dos aviões. A improvável confluência é encerrada de forma abrupta, sem um final, deixando em aberto a possibilidade de um retorno incerto. (Davidson, 1993, p.15).

O lugar, a noção de espaço e espaço-tempo sempre retornam, sempre evoluem, não podem se fechar em si. Ainda mais considerando a indecidibilidade, conceito chave de *Any*, o presente artigo permanece aberto a contribuições e revisões críticas, bem como diálogos interdisciplinares para o constante aprimoramento do debate sobre este tema tão pouco explorado no Brasil.

4 REFERÊNCIAS

CANADIAN CENTRE FOR ARCHITECTURE. - CCA. **Anyone Corporation** Fonds. [S. l.], [2001?]. Disponível em: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/288977/anyone-corporation-fonds>. Acesso em: 10 ago. 2018.

DAVIDSON, Cynthia C. (Org. Ed.). **Anywhere**. New York: **Anyone Corporation**, Rizzoli International Publications, 1993.

DAVIDSON, Cynthia C. **An(y)alysis**: Cynthia Davidson talks with herself, Itália, 2004. Disponível em: http://architettura.it/files/20040925/index_en.htm. Acesso em: 18 mai. 2018.

GUARINO, Alexandre Dias. Caixas Abertas: A Indecidibilidade nas teorias urbanas de Solà-Morales. In: **XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo**, 12, 2020, São Paulo.

GUARINO, Alexandre Dias. **Anyone Corporation**: Debates e Produção Teórica nas Conferências “Any” (De 1991 a 2000). 2020. Dissertação (Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Fundamentação e Crítica) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

GUARINO, Alexandre Dias. Qualquer. *Anyone Corporation* e suas conferências no final do Milênio. **Arquitextos**, São Paulo, ano 23, n. 274.03, Vitruvius, mar. 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.274/8726>

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro-RJ: Lamparina, 2015.

INDECIDIBILIDADE. In: **DICIONÁRIO Houaiss Da Língua Portuguesa**. [S. l.: s. n.], [2017?]. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v5-4/html/index.php#>. Acesso em: 5 jul. 2020.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. 3. Edição, 7. Tiragem, São Paulo-SP: WMF Editorial, 2020, 510p. ISBN 9788578274214.

NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a Arquitetura**: Antologia teórica 1965-1995. 2. ed. São Paulo/SP: Cosac & Naify, 2008.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. Tradução Eduardo Brandão, São Paulo-SP: Martins Fontes, 1995.

NOTAS

¹ A indecidibilidade frequentemente mencionado nas conferências de *Anyone Corporation*, se refere à possibilidade de deixar as coisas em aberto, não resolvidas, em um constante devir decisão. Do dicionário: Indecidibilidade: qualidade de indecível; propriedade do que é impossível de ser decidido, resolvido, arbitrado. Fonte: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v5-4/html/index.php#2>, Acesso: 05 de julho de 2020.

² A *Anyone Corporation* realizou dez conferências anuais na década de 1990, e seguem: *Anyone* (1991), *Anywhere* (1992), *Anyway* (1993), *Anyplace* (1994), *Anywise* (1995), *Anybody* (1996), *Anyhow* (1997), *Anytime* (1998), *Anymore* (1999) e *Anything* (2000).

³ Tatame - revestimento de piso tradicional japonês.

⁴ Nos anais, livros e artigos a *Anyone Corporation* é referenciada por *Any*, como forma redutiva de seu nome.

⁵ *Taiko* - tambores cerimoniais japoneses.

⁶ Gueixa - japonesa treinada em dança, canto e conversação para entreter fregueses homens em casas de chá, banquetes, etc. (HOUAIS et. al, 2001, p.380)

⁷ Quimono - túnica longa, presa com uma faixa, do vestuário do Japão. (HOUAIS et. al, 2001, p.617)

⁸ CCA (Collection Centre Canadien d'Architecture/Canadian Centre for Architecture, Montréal), em: <https://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/458937>, Acesso: 30/05/2018. Courtesy of Canadian Centre for Architecture.

⁹ CCA (Collection Centre Canadien d'Architecture/Canadian Centre for Architecture, Montréal), em: <https://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/458931>, Acesso: 30/05/2018. Courtesy of Canadian Centre for Architecture.

¹⁰ Participantes e títulos de seus artigos e ensaios extraídos de Davidson (1993, p.7).

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.